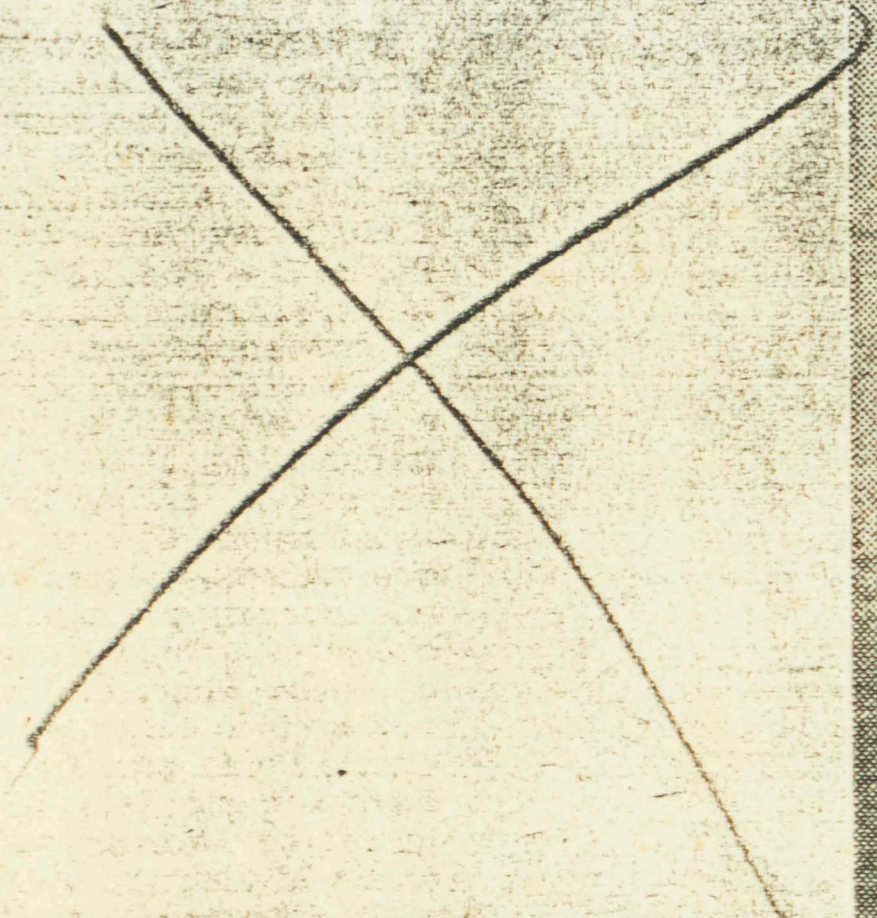


514

instituto de arte contemporânea



A ARTE DE INVESTIR EM ARTE

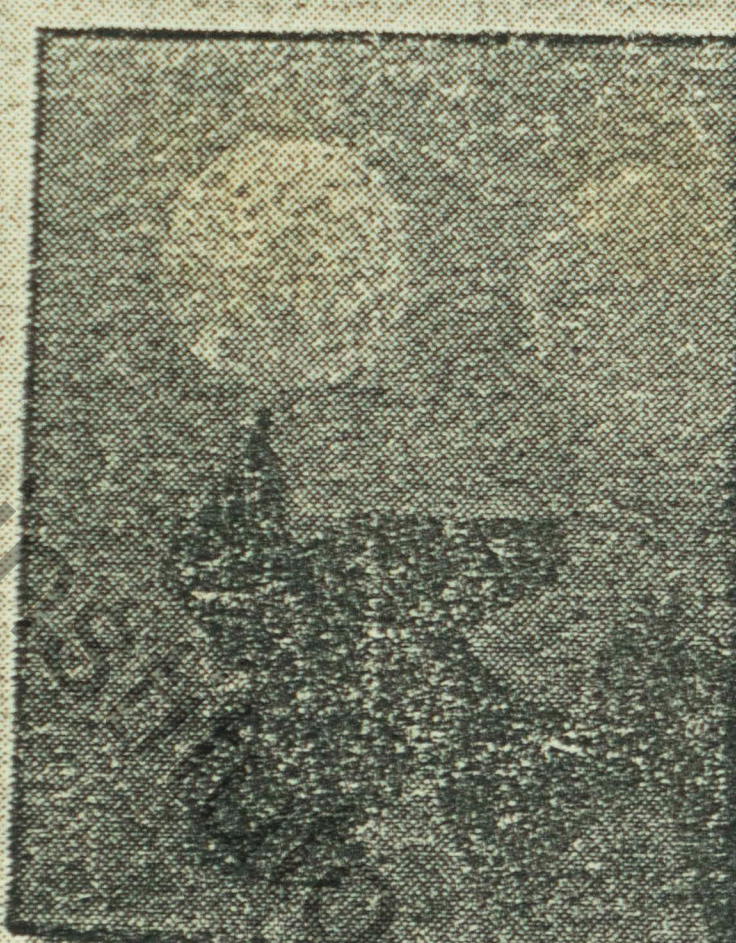
ARMANDO STROZENBERG



Um quadro de Pancetti custava Cr\$ 20 mil há dez anos. Hoje, um quadro de Pancetti custa Cr\$ 7 milhões. Um Guignard custava o preço de duas cervejas em 1953: Cr\$ 1 mil. Hoje, um quadro grande de Guig-

bonecos, daí ter sido péssimo aluno, inclusive no desenho geométrico. Em seguida, passou a fazer história em quadros. Finalmente, no Rio, a pintura. — É um jovem pintor rebelde?

tista e sua obra, por relações pe- por intermédio de outros pintores exposições coletivas etc. Em se- através da apresentação de quadros em exposição pública ou amostragem



Cr\$ 2 milhões. Se alguém disser que isso só acontece com os pintores que já morreram, eu mostraria que não. Di Cavalcanti, Marcier, Scliar, Krajcberg, Dacosta, que são bem vivos e estão em plena produção artística, tiveram uma valorização proporcional, levando em consideração a idade e a divulgação da obra, bem expressiva. Um Marcier valia cerca de Cr\$ 30 mil, em 1958, e, hoje, vale Cr\$.. 1.500.000. Um Di Cavalcanti (o mais caro dos atuais brasileiros) valia, em tamanho pequeno, Cr\$ 60 mil, e hoje, o menor deles, vale Cr\$ 1 milhão. Um Djaniira, em 1956, valia Cr\$ 30 mil, e hoje vale, em tela grande, Cr\$ 3 milhões. O mais jovem de todos, Antônio Dias, que há três anos mal encontrava comprador por Cr\$ 30 mil, hoje é disputado pelos colecionadores não só daqui, como do estrangeiro. Assim, o grande pintor holandês Cornelle, atribulado com sua exposição em Nova Iorque, encontra tempo para me escrever pedindo um quadro de Antônio Dias, oferecendo Cr\$ 500 mil.

Alegria de quem tem

Ele tem uns 500 quadros e é considerado um dos maiores colecionadores brasileiros, e um grande incentivador dos nossos pintores. Adolfo Bloch (*Manchete, Fatos & Fotos, Jóia*) poderia investir em apartamentos, mas prefere comprar quadros.

— Os quadros, além de sua beleza — afirma —, proporcionam alegria. Quanto a apartamentos, basta um para viver. Tenho quase todos os quadros de que, até hoje, gostei. Quanto aos que mais me sensibilizam, depende do dia. Escolher um quadro é como escolher uma mulher: pode-se acertar, pode-se ser feliz e pode-se, mesmo, enriquecer. *Arte é bom investimento, quando a consideramos não apenas como um bom investimento.* O mercado comprador está em expansão devido ao enorme interesse que, hoje, desperta a decoração. E as boas decorações não prescindem de bons quadros. Existe um tipo de valorização imediata: a decorrente da morte do pintor. Mas prefiro ver os pintores ricos em vida. Acredito que, nos últimos cinco anos, pelo menos uns 20 pintores se tenham valorizado muito. Mas são todos meus amigos e prefiro não citar nomes. No que diz respeito aos grandes mestres, como Portinari, Guignard e Pancetti, acho que seus quadros atingiram preços exagerados. Não creio que alcançariam tais quantias nos Estados Unidos ou na Europa.

Quem descobriu Scliar

Carlos Scliar é do grupo dos *vendutudo* da pintura brasileira. Alta cotação: "Não fui eu que descobri que podia vender meus quadros: foram os outros que descobriram que deviam comprar."

Aos cinco anos (hoje ele tem 46), desejou aprender piano, mas seus pais julgavam mais importante que ele aprendesse, primeiro, a ler. Impaciente, o menino transformou seu protesto em manifestações pelas paredes, com carvão e giz.

sta e sua obra, por relações pessoais, por intermédio de outros pintores, em exposições coletivas etc. Em seguida, através da apresentação de quadros, seja em exposição pública ou amostragem ao

5B 27-4-66

bilidade. Aos artistas e intelectuais compete uma enorme parcela na luta, diária, pela criação das condições necessárias para essa tomada de consciência: a vida é um bem fabuloso, que deve ser aproveitado por todos, ainda que as condições objetivas nem sempre a isto favoreçam.

— A arte já está atingindo as camadas mais populares?

— Não acho, não. É verdade que um número cada vez maior de pessoas toma conhecimento, através de revistas, jornais, televisão, cinema etc., do que se faz no Brasil e no mundo. Mas basta atentar para os preços de qualquer livro, álbum ou reprodução para se perceber que não estão ao alcance nem mesmo da chamada classe média, que se vem informando de orelhada. Há uma grande curiosidade, mas isso é comêço de caminho.

O preço da necessidade

As tendências da pintura, no Brasil, são as mais variadas: do Abstracionismo de Manabu Mabe, Wakabayashi, Tomie Ohtake, Bandeira, Maria Polo etc., ao Concretismo, com Serpa como iniciador (êle que, hoje, volta ao Figurativo), até às tendências mais atuais, o *Pop-Art* e *Op-Art*, as montagens-colagens e uma constante procura, que tem muito da insatisfação do artista.

Rubem Breitman, arquiteto e colecionador:

— A obra de arte — diz — foi sempre uma necessidade sentida por todos, e por todos praticada, dessa ou daquela maneira. É tão importante essa necessidade que, no casebre mais pobre se vêem, nas paredes, a fotografia de São Jorge ou a bandeira do Flamengo, ou outro qualquer detalhe (cromo, folhinha). Isto mostra o quanto a obra de arte é necessária ao ser humano. Evoluindo dentro das possibilidades culturais e aquisitivas, chegamos à grande paisagem com *flamboyant* e às *marinhas* compradas, não a preço barato, nas entradas das estações de água, ou nas esquinas da cidade. No Brasil, já existe um mercado de quadros, um mercado que é uma verdade dentro do comércio nacional (como exemplo disto, podemos citar o número de galerias que aparecem), incentivando cada vez mais a aquisição e a seleção dos artistas e suas obras.

A venda e compra de quadros, hoje em dia, é um mercado como outro qualquer. Se a situação é de estabilidade ou de instabilidade, logo é sentida no mercado de quadros. Se para muitos a obra de arte é uma necessidade inerente, chegando-se ao ponto de verdadeira disputa por determinadas peças — é a pessoa que tem uma criação artística, alguém que nasceu no meio das artes — para outros a obra de arte surge como resultado de uma educação, da visita voluntária aos museus e galerias (sobretudo a galerias, que são nossos melhores museus). Para outros, ainda, a obra de arte não é só uma satisfação própria, como um modo de satisfazer a outros, e não de deixar de ser, antes de tudo, um grande e nôvo investimento de capital.

Mas quadro não é negócio para ricos? Rubem Breitman acha possível o acesso da classe média assalariada ao empate de capital numa obra de arte.

— Hoje em dia, pelas facilidades oferecidas pelas galerias (facilitários, prestações, naturalmente dependendo do quadro a ser comprado), o acesso da classe média se torna possível. A compra é equivalente à de uma geladeira ou de um aparelho de televisão. O que é necessário é uma maior penetração, nessa classe, cultura e da apreciação, não só da obra como do empate do capital. Assim